

Empresários defendem melhores condições para negociar dívida

São Paulo — O empresário Antônio Ermírio de Moraes, diretor superintendente do Grupo Votorantim, afirmou ontem que “é imprescindível” que o futuro presidente do país pressione o sistema financeiro internacional, adotando uma posição política capaz de permitir melhores condições para renegociação da atual dívida externa. “Esta posição política é fundamental para a renegociação da dívida”, disse.

Tanto Antônio Ermírio de Moraes como o empresário e professor Celso Lafer e o banqueiro Pedro Conde, presidente do Banco de Crédito Nacional (BCN), concordam com as declarações do presidente do Banco Itaú, Olavo Setúbal, que pediu realismo nas futuras renegociações da dívida brasileira, já que, para ele, as regras do sistema financeiro internacional não irão mudar.

Faca e queijo

— Setúbal tem toda a razão, os banqueiros estão com a faca e o queijo na mão, mas é imprescindível que o futuro Governo atue no mercado financeiro internacional pressionando e mostrando que nós devemos ter melhores condições de renegociação da dívida e até juros mais baixos — afirmou Antônio Ermírio de Moraes, que é simpatizante da candidatura do ex-Governador mineiro Tancredo Neves à presidência.

Já Celso Lafer — diretor da Klabin, membro do Conselho de Administração da Metal Leve e professor de Direito Internacional — considerou importante a advertência de Olavo Setúbal sobre a posição dos banqueiros internacionais, mas adiantou que o futuro Governo terá necessariamente de insistir na mudança das atuais regras de renegociação da dívida.

Também defensor de Tancredo Neves, Celso Lafer destacou que as eventuais modificações, porém, não serão possíveis no âmbito dos bancos e do FMI, mas dentro de negociações políticas com os Governos. Ele considerou que as negociações poderão ser individuais, de acordo com cada país, mas terão de abranger, pelo menos, quatro pontos: redução das taxas de juros, adequação do serviço das dívidas à capacidade de produção de cada país, ampliação dos prazos de renegociação e abrandamento das atuais condições do FMI.

Já o banqueiro Pedro Conde, presidente do BCN, afirmou: “não se pode pretender que os bancos internacionais mudem as regras de negociação de um momento para o outro. Não é possível pedir agora prazos de 25 ou 30 anos, mas é preciso que se busque melhores condições de negociação — e, hoje, esta possibilidade é menor do que em anos anteriores”.

Pedro Conde afirmou que Olavo Setúbal tem toda a razão ao fazer sua advertência e observar que a renegociação da dívida externa “é um processo contínuo, em que a cada round vai melhorando”.